

**FLECK**, David W. (2013). *Panoan language and linguistics*. Anthropological papers of the American Museum of Natural History 99. Pp. 112, 1 map, 11 tables. ISSN 0065-9452

Resenhado por: Raphael Augusto Oliveira Barbosa<sup>1</sup>  
(CELCAM/PG.-IEL-UNICAMP)

Este artigo elaborado por David W. Fleck (Pesquisador Associado do Departamento de Linguística da Universidade de Oregon) apresenta um amplo panorama linguístico, histórico e cultural a respeito do conhecimento produzido sobre as línguas da família Pano. O trabalho está dividido basicamente em seis seções, apresenta um mapa representativo da localização das línguas Pano e três anexos. O primeiro destes traz informações a respeito da sinonímia, homonímia e variações ortográficas de todos os nomes de falas que são ou foram descritas como línguas Pano; o seguinte apresenta as publicações linguísticas disponíveis de línguas e dialetos Pano; e o último, suas localizações geográficas.

Após uma breve introdução sobre essa família, uma classificação interna dessas línguas com base em comparações lexicais, fonológicas e gramaticais é apresentada. Esta classificação abrange todas as línguas e dialetos falados e já extintos que foram documentados desde as missões Jesuítas e Franciscanas no século XVII até os trabalhos de linguistas atuais. Em seguida, é apresentada uma descrição das relações históricas entre línguas Pano e línguas de outras famílias da América do Sul, como por exemplo, relações genéticas com línguas da família Takana. Ademais, empréstimos lexicais e gramaticais com línguas de fronteira geográfica, como o Kechua, são descritos.

O artigo também apresenta uma história detalhada da linguística Pano seguida dos principais aspectos tipológicos da fonologia, morfologia e sintaxe, em que algumas propriedades gramaticais mais relevantes identificadas nas línguas são descritas, e por fim uma discussão sobre características etnolinguísticas é apresentada na última seção. Conforme Fleck, um dos principais objetivos do trabalho é analisar as informações linguísticas Pano disponíveis e reunir informações antigas e recentes para produzir uma classificação linguística, assim como uma descrição da família, mais sistemática. O estudo representa uma importante contribuição tanto para nosso conhecimento sobre a família Pano quanto para os futuros estudos sobre suas línguas.

Na seção “*Classification and inventory of Panoan languages and dialects*”, é apresentada uma classificação de 33 línguas da família Pano das quais somente as que existem pelo menos uma lista de palavras são incluídas. Caracteriza-se como uma classificação de similaridades relativas, ao contrário de uma produzida por meio da aplicação do método comparativo, e como afirma o autor: “[...] *readers should not take the present classification as genetic.*” (p. 10). Ademais, Fleck demonstra o procedimento de denominação das línguas por meio do exame de questões como sinonímia, homonímia (intra e interfamiliar) e as representações ortográficas. Em geral, sobre a sinonímia, o etnônimo é selecionado com base no termo mais comum (ou mais antigo) na literatura; casos de homonímia, um modificador locativo é adicionado ao termo; e sobre a ortografia, foi adotado o padrão similar ao da literatura sobre o tema.

---

<sup>1</sup> Bolsista FAPESP. Processo 2012/23156-3.

Em seguida, Fleck argumenta que algumas publicações de classificação das línguas Pano apresentam uma sobrediferenciação, como por exemplo, o Shipibo e o Kapanawa do rio Tapiche em que compartilham 90% de seu vocabulário e possuem, por exemplo, menos diferenças fonológicas do que entre o Inglês americano e o britânico, não serem nesse sentido classificados como variedades dialetais. Por outro lado, aponta o autor, há subdiferenciação, sobretudo, nas línguas Mayoruna. Por exemplo, o Matses e o Matis compartilham 57% de seu vocabulário (Fleck 2007) e possuem uma grande lista de diferenças fonológicas e gramaticais. A respeito do critério utilizado para a distinção de línguas e dialetos, o autor considera que variedades distintas de falas as quais compartilham 80% de seu vocabulário correspondem a dialetos de uma língua, não obstante o problema em definir o termo ‘dialeto’ (p. 18).

“*Relations to other South American languages*” apresenta uma descrição das relações geográficas e históricas entre línguas Pano e outras línguas, assim como propostas de relações genéticas, por exemplo, com línguas Takana. Esta relação foi primeiro demonstrada por Schuller (1933) e então demais reconstruções foram realizadas por Key (1968) e Girard (1971), com base em Shell (1965). Porém, uma reconstrução com o conhecimento atual das línguas Mayoruna e o Kasharari (língua significativamente distinta, porém com parco material linguístico bibliográfico) resultaria um Pano reconstruído significativamente diferente de Shell (1965) (p. 22-23). Tendo em vista que as similaridades entre as línguas Pano e Takana podem ser devido ao contato (Fabre 1998; Loos 1999), segundo Fleck, somente trabalhos que demonstrem cognatos e aspectos gramaticais em comum com o Proto-Pano e o Proto-Takana revelariam se as similaridades são atribuídas a uma filiação genética (p. 23).

Fleck mostra que vários outros autores relacionaram línguas Pano com línguas isoladas bolivianas como Mosenet e Yuracare, assim como Shuller (1933) relacionou Pano e Takana ao grupo maior ‘Carib-Aruac’. Menos plausível conforme a literatura é a classificação de Greenberg (1987) do Macro-Pano no filo Ge-Pano-Carib. Ademais, falantes de línguas Pano também tiveram contato com outras línguas amazônicas e com falantes de Kechua. As línguas Pano possuem características areais comuns como ergatividade, evidencialidade, e a vogal alta *i*, o que indica que essas propriedades influenciaram ou foram influenciadas por línguas vizinhas (p. 24). Conforme Fleck, empréstimos de e para línguas Arawak (Valenzuela 2003), do Português e Espanhol são comuns nas línguas Pano assim como várias palavras Shipibo-Konibo (e algumas línguas Pano como *tashi* ‘sal’) são descritas como de origem Kechua pela literatura.

A seção “*History of Panoan linguistics*” apresenta uma história detalhada da linguística Pano. A princípio, as línguas dessa família foram conhecidas por meio das missões Jesuítas (1640–1768) no século XVII, contudo esses trabalhos só vieram a ser publicados no século XVIII. O primeiro contato dessas missões ocorreu no rio Ucayali com os Shipibo, Shetebos e Kapanawas, cujos trabalhos correspondem basicamente a notas sobre afiliações linguísticas, principalmente por Jesuítas Espanhóis e Portugueses, cuja maioria dos trabalhos limitaram-se as missões Maynas somente no Peru. Com a expulsão dos Jesuítas em 1767 outros padres assumiram essas missões (em um período sem informação documentada) até a assunção das missões Maynas pelos Franciscanos em 1790 (que trabalhavam com grupos Chama do Ucayali, como Shetebos e Callisecas, desde 1657 até 1930). Os Franciscanos realizaram observações sobre similaridades de línguas/dialetos Pano faladas na bacia do Ucayali no Peru, e também da Bolívia (p. 30).

Com a independência do Peru em 1821, os Franciscanos tiveram de deixar o país, com exceção do Padre Manuel Plaza até 1840. Este contexto permitiu a entrada no país de vários viajantes e cientistas da Europa e América do Norte. O naturalista Francis de Castelnau, o estudioso Peruano nascido na Itália Antonio Raimondi, e viajantes como Paul Marcoy e F. L. Galt publicaram notas fonológicas e gramaticais a respeito de afiliações Pano. No geral, segundo Fleck, até o início do século XX, missionários tiveram acesso a materiais que os possibilitaram um melhor entendimento das línguas Pano do que os trabalhos acadêmicos contemporâneos. Os viajantes contribuíram com a divulgação de partes de informações linguísticas Pano disponíveis, tanto com lista de palavras quanto com fragmentos do conhecimento missionário (ainda sem informações de línguas do Brasil). A primeira demonstração formal, com a comparação de sete línguas, que essas línguas/dialetos constituem uma família foi realizada por Grasserie (1890). Outra classificação do século XIX corresponde a Daniel Brinton (1891) (p. 34).

Grande parte das publicações do século XIX foi relativamente realizada com base em pequenas listas de palavras não padronizadas. Segundo Fleck, este problema passou a ser inicialmente resolvido, sobretudo, com Capistrano de Abreu sobre os Kashinawa do rio Ibaçu, assim como Karl von den Steinen, Padre Constant Tastevin, Paul Rivet e Tessmann, os quais apresentaram estudos mais sistemáticos realizados entre 1900 e 1930. Na década seguinte, missionários do Instituto Linguístico de Verão (SIL) começaram desde então a trabalhar com essas línguas em 1942, no Peru e na Bolívia, tendo documentado várias outras línguas e dialetos Pano pela primeira vez, além de Shell (1965) e os trabalhos comparativos de Eugene Loos. Na década de 1970 a primeira instituição acadêmica a realizar pesquisas com línguas Pano foi a Universidade de São Marcos, em Lima, sendo André-Marcel d'Ans o principal pesquisador. E em 1980, universidades do Brasil também passaram a realizar pesquisas com línguas Pano.

Em "*Priorities for future research*", Fleck sugere que um estudo sobre a reconstrução do proto-Pano, por exemplo, "[...] should first include low-level reconstructions of the main Panoan groups, and then midlevel reconstructions of the branches." Algumas línguas relevantes em estudos comparativos mencionadas pelo autor correspondem as do ramo Mayoruna e do grupo Nawa, assim como Kashibo e Kasharari. "Typological overview" apresenta breves aspectos tipológicos das línguas Pano. Sobre a fonologia, grande parte dessas línguas possui algumas ocorrências de harmonia vocálica e poucas delas foram descritas como línguas com exemplos de tom contrastivo alto e baixo, como Chakobo, Amawaka e Kapanawa do rio Tapiche. Esta última língua apresenta propriedades que tem chamado a atenção de fonólogos, dentre elas o autor aponta a estrutura silábica métrica, o apagamento da glotal oclusiva e o espalhamento nasal, sendo esta última comum a outras línguas Nawa (p. 43).

Com relação à morfologia, segundo Fleck, as línguas Pano geralmente possuem cerca de 130 sufixos verbais com funções como causatividade, evidencialidade, ênfase, aspecto, pluralidade etc. Todas essas línguas caracterizam-se por serem descritas com alinhamento morfológico nominal ergativo-absolutivo, algumas com cisão tipicamente em pronomes. A prefixação de morfemas parte do corpo corresponde a um tema de interesse constante entre os estudiosos dessas línguas. Algumas delas são descritas com sufixos verbais de movimento, isto é, a noção de "*come while doing [verb]*", e as Mayoruna possuem pronomes de terceira pessoa correferenciais. A respeito da sintaxe Pano, basicamente, alguns dos aspectos gramaticais mais relevantes aos linguistas correspondem a transitividade, em

especial, os pares de verbos transitivos/intransitivos, a “concordância de transitividade”, assim como aos marcadores de “*switch-reference*” e a semelhança gramatical em ambos os argumentos de verbos bitransitivos (p. 44).

Na última seção denominada “*Ethnolinguistic features*”, é apresentada uma descrição a respeito das características etnolinguísticas mais comuns documentadas sobre os povos de línguas Pano. Em diversas dessas línguas, Fleck descreve como “*Word taboo by phonological analogy to postmortem name taboo*”, a enunciação de nomes pessoais ou apelidos que é evitada depois da morte da pessoa correspondente. Em Matses, Kulina e Demushbo, esse contexto se estende a palavras foneticamente análogas aos nomes e apelidos. Um aspecto de restrição comunicativa ocorre em Shipibo-Konibo em que sogros(as) e genros se comunicam somente por meio da filha/esposa e nunca diretamente. Os Matses, após a morte de uma pessoa, por um dia e uma noite, eles jejuam, choram e entoam cantos usando outro sistema de termos de parentesco. Ademais, o Pano foi uma língua franca falada no rio Ucayali e algumas ocorrências de pidgins são descritas em línguas do subgrupo ‘*Headwaters*’ (p. 46).

Em contextos de cerimônias tradicionais, os Matses, Sharanawas e Marubos, por exemplo, entoam um canto xamã com o uso basicamente de uma variedade lexical particular. As variedades de fala específicas de gênero ocorrem somente com interjeições em Shipibo-Konibo e Kashinawa do rio Ibuacu. Esta última e o Matses foram descritas como línguas com variedades de função exclamativa, como interjeição de surpresa, dor, susto etc., usadas exclusivamente por homens e mulheres. Em Matses e Kulina do rio Curuçá, um conjunto específico de sinônimos relativos a caça é ensinado pelo pai/avô ao filho/neto, cujo bom caçador espera-se o conhecimento de todo o conjunto de termos. Conforme Fleck (p. 48), várias línguas Pano como o Matis, Katukina, Marubo, Kashibo e Shipibo, com referência a fauna local, possuem um par de termos; um conjunto de itens para animais gerais e outro para animais domesticados.

Conforme este sumário geral do artigo resenhado, observa-se que é apresentada essencialmente uma extensa compilação dos trabalhos sobre as línguas Pano realizados desde os primeiros registros de missões no século XVII, passando pelos viajantes e cientistas do século XVIII e XIX, até as pesquisas mais atuais realizadas em instituições acadêmicas. O artigo representa uma importante contribuição tanto para pesquisadores de línguas da família Pano como para demais linguistas e estudiosos que procuram uma introdução a respeito dessas línguas. O trabalho completa o objetivo de um panorama mais preciso de uma das famílias mais importantes da Amazônia ocidental e ‘tece’ um tanto mais a extensa ‘rede’ de estudos sobre as línguas da família linguística Pano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRINTON, Daniel G. (1891). *The American race*. New York: N.D.C. Hodges.

FABRE, Alain (1998). *Manual de las lenguas indígenas sudamericanas II*. Munich: Lincom Europa.

FLECK, David W. (2007). Did the Kulinas become the Marubos? a linguistic and ethnohistorical investigation. *Tipiti, Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America* 5: 137-207.

GIRARD, Victor (1971). *Proto-Takanan phonology*. Berkeley: University of California Press.

- GRASSERIE, Raul de la (1890). De la famille linguistique pano. *Congrès International des Américanistes compte-rendu de la septième session*, Berlin 1888: 438-449. Berlin: Librairie W. H. Kühl.
- GREENBERG, Joseph H. (1987). *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press.
- KEY, Mary R. (1968). *Comparative Tacanan phonology, with Cavineña phonology and notes on Pano-Tacanan relationships*. The Hague: Mouton.
- LOOS, Eugene E. (1999). Pano. In R. M. W. Dixon and A. Y. Aikhenvald (editors). *The Amazonian languages*, pp. 227-249. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHULLER, Rudolph (1933). The language of the Tacana Indians (Bolivia). *Anthropos* 28: 99-116, 463-84.
- SHELL, Olive A. (1965). *Pano reconstruction*. Tese de Doutorado em Linguística, Philadelphia, University of Pennsylvania.
- VALENZUELA, Pilar M. (2003). *Transitivity in Shipibo-Konibo grammar*. Tese de Doutorado em Linguística. Oregon, University of Oregon.

Recebido: 28/4/2014  
Versão revista: 16/5/2014  
Aceito: 21/5/2014.